

MUSEU MILITAR CONDE DE LINHARES – AVENIDA PEDRO II, 383 – SÃO CRISTÓVÃO

Criado em 1998, o Museu Militar Conde de Linhares (MMCL) foi implantado, paulatinamente, passando por obras de revitalização em suas instalações e em seu sistema de iluminação, que contaram com o apoio da Fundação Cultural Exército Brasileiro (FUNCEB), Fundação Rio Luz, Companhia Estadual de Gás (CEG), Light Serviços de Eletricidade S/A , e do Departamento de Estradas e Rodagens do Estado do Rio de Janeiro (DER RJ). Com esse esforço, a DAC - Departamento de Assuntos Culturais – procura dar ao Museu o aspecto de um Centro Cultural, para ocupar um importante espaço no campo da cultura, no Estado do Rio de Janeiro.

O Museu Militar Conde de Linhares (MMCL), no Rio de Janeiro, reabriu suas exposições ao público, em 6 de maio de 2002. Na oportunidade, os visitantes, em média 1.200 pessoas, receberam atendimento médico, com verificação da pressão arterial; atendimento odontológico, com aplicação de flúor; além de assistirem a exposições de vídeos, apresentação de Banda de Música e de cães de guerra; tudo inserido no "Festival Verde-Oliva", que foi um Projeto idealizado pela Diretoria de Assuntos Culturais, a quem o Museu está vinculado. O evento foi promovido e executado por Organizações Militares do Comando Militar do Leste.

O MMCL está à disposição do público de terça a domingo, das 10h às 16h, oferecendo exposições permanentes de armamento e material militar, e do Acervo Histórico Documental do Exército.

Quanto ao edifício onde está presentemente instalado, anteriormente abrigou a 5ª. Brigada de Artilharia Blindada e o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva. Quanto a este último, o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro, foi criado em 22 de abril de 1927, conforme Despacho Ministerial daquela data, fruto do esforço e dedicação do então Cap Art LUIZ ARAÚJO CORREIA LIMA, tendo em vista a necessidade da ampliação do quadro de Oficiais Subalternos. Somente em 20 de abril de 1928, o CPOR/RJ começou a funcionar provisoriamente no quartel do 1º Grupo de Artilharia Pesada, em São Cristóvão (atual 21º GAC). Em 24 de janeiro de 1931, desmembrado daquela Unidade de Artilharia, passou a ocupar o prédio existente na Av. Pedro II nº 383, no mesmo bairro (atual museu Conde de Linhares).

Posteriormente, a 08 de maio de 1935, parte desse Estabelecimento de Ensino, o Comando e as Seções de Infantaria e Cavalaria, foram transferidos para as dependências do Colégio Militar, Permanecendo no antigo bairro imperial o contingente e a Seção de Artilharia. Os Instrutores Chefes dos Cursos eram oficiais-alunos da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

No ano seguinte, em 19 de outubro, retornando às instalações da então 5ª Brigada de Cavalaria Blindada (atual museu Conde de Linhares), o Comando e as Seções de Infantaria e Cavalaria, unindo-se ao restante da tropa, reiniciavam as atividades profissionais, agora, como um todo.

Em meados de 1966, o Estado-Maior do Exército criou os Cursos de Comunicação e Material Bélico, transferindo o CPOR para o aquartelamento dos Dragões da Independência em virtude da transferência deste para Brasília. Este novo aquartelamento foi ocupado em 05 de outubro de 1968.

No final de 1997, o CPOR/RJ foi transferido para suas atuais instalações, na Av. Brasil nº 5292, ocupando, assim, as antigas dependências do 1º Regimento de Carros de Combate.

CASA DA MARQUESA DE SANTOS - AVENIDA PEDRO II, 283 - SÃO CRISTÓVÃO

Para instalar Domitila de Castro Canto e Melo, Marquesa de Santos, D. Pedro I adquiriu uma chácara de propriedade do médico Theodoro Ferreira de Aguiar, situada defronte ao caminho principal da Estrada de São Cristóvão, próxima ao Palácio Imperial. Nela mandou construir uma casa, confiando as obras a Pedro Alexandre Cavroé, português por ele nomeado, em 1825, arquiteto das Armas Nacionais e Imperiais. O projeto geral era do arquiteto francês Pedro José Pezerat, seu amigo particular. Da decoração interna incumbiu-se o pintor Francisco Pedro do Amaral. Instalando-se no belo solar, em 1828, a marquesa nele não ficaria por muito tempo: em 1829, após o casamento de D. Pedro com Maria Amélia Augusta Eugênia Napoleona de Leuchtemberg, ela foi expulsa do Rio. Voltando o solar à sua posse, D. Pedro I o doou à sua filha D. Maria II, em favor de quem abdicara da Coroa Portuguesa. A partir de então o solar teve vários proprietários, destacando-se Ireneu Evangelista de Sousa, o Barão, depois Visconde de Mauá, que nele fez a primeira reforma. No século XX foi sede do Serviço Nacional de Febre Amarela. Em 1961 foi declarado de utilidade pública. Em 1965, por determinação do Governador Carlos Lacerda, foi restaurado pelo arquiteto Edson Motta, que conseguiu remover a pintura a óleo dos inúmeros cômodos, recuperando os afrescos primitivos. A 02 de dezembro de 1965, através de decreto estadual, o solar foi destinado à sede do Museu do Primeiro Reinado, que não chegou a ser instalado de imediato. Em 1969 passou a sede da Reitoria da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Em março de 1979 foi ali inaugurado o Museu do Primeiro Reinado.

Prédio assobradado, de linhas neoclássicas, frente de rua. Influência da escola francesa. Possui bandas e ombreiras de cantaria. Moldura sobre as vergas aplicadas como simples ornato. Entablamento com frisa ornada. Platibanda e falsos frontões com seus campos ornados. Pilastras jônicas e vasos de mármore sobre a platibanda. Na fachada lateral, tímpano com alegoria da deusa Minerva e folhas de acanto em relevo no medalhão central. A fachada de fundo é considerada exemplo de atributo neoclássico dos mais nítidos e puros construídos no Rio de Janeiro. Parte posterior recurvada, saliente, com sacadas e duas elegantes escadarias em curvas, lançadas sobre os jardins. No interior, pinturas alegóricas, trabalho de estuque em estilo rococó. Relevo do forro do Salão dos Deuses representando a Corte do Olimpo, trabalho de Marcos e Zeferino Ferrez.

PEDRO ALEXANDRE CAVROÉ - DADOS BIOGRÁFICOS

Arquiteto português, nascido em Lisboa em c. 1800, filho de pai francês. Chegou ao Rio de Janeiro em 1824, sendo logo nomeado Arquiteto da Câmara Municipal, Fiscal das obras da Academia e Arquiteto da Casa Imperial, de 07 de janeiro de 1825 a 16 de março de 1830, quando foi exonerado, sob acusação de desvio de obras de arte da Academia Imperial de Belas Artes. Era detestado pelos membros da Missão Artística Francesa. Além dos serviços prestados na Capela Imperial, onde completou a fachada em 1825-26, cujo

frontispício em madeira substituiu por elegante frontão em pedra, demolido em 1922, construiu, segundo projeto de Pedro José Pezerat, a Casa da Marquesa de Santos, na atual rua Pedro II, em São Cristóvão (1826-28). Deve-se-lhe um plano de numeração das ruas do Rio de Janeiro, aprovado por Aviso do Ministério da Justiça, de 21 de maio de 1824. Substituindo a caótica numeração então vigente, as ruas passaram, pela primeira vez, a ter lados par e ímpar; as placas exibiam números verdes em fundo amarelo quando eram paralelas à marinha da cidade, e números amarelos em fundo verde se porventura perpendiculares. A Intendência Geral da Polícia fornecia as placas dos logradouros públicos e os proprietários contribuía com vinte réis por número pintado.

Após a renúncia de D. Pedro I, a sete de abril de 1831, Cavroé retornou a Portugal, onde faleceu.

FRANCISCO PEDRO DO AMARAL - DADOS BIOGRÁFICOS

Pintor, nasceu na segunda metade do século XVIII. Frequentou a Aula Régia de Desenho e Pintura, criada no Rio de Janeiro em 1800 e entregue à orientação de Manuel Dias de Oliveira Brasiliense. Por Decreto Real de 23 de novembro de 1820, estabelecendo no Rio de Janeiro a Academia e Escola Real das Artes, dela tornou-se pensionário, recebendo 300\$000 anuais. Indicando-o como brasileiro e dando como data de sua morte a 10 de novembro de 1830, Jean Baptiste Debret citou-o em *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* (1834-39), entre os alunos fundadores, em 1824, da classe de pintura da Academia Imperial de Belas Artes, do Rio de Janeiro, comentando a seu respeito: "Pintor, diretor das obras de pinturas para a decoração dos palácios imperiais e da Biblioteca Imperial". De fato, ocupou o cargo de Decorador da Casa Imperial, realizando trabalhos em salas do Paço da Cidade e da Quinta da Boa Vista, bem como em residências particulares de altas personalidades da época, entre as quais as da Marquesa de Santos, em São Cristóvão; referindo-as como os únicos exemplos de seus trabalhos decorativos que chegaram aos nossos dias; casa do Marquês de Inhambupe, no Campo de Santana; e de Plácido Antônio Pereira de Abreu, no Campo dos Ciganos. Desenhou a nanquim e sépia o projeto e planta de um monumento em memória do dia 26 de fevereiro de 1821. Em relação ao Paço da Cidade, foi Francisco Pedro do Amaral um grande alegorista, autor de monumentos desse gênero em todas as festas do Primeiro Reinado. Por ocasião do segundo casamento de D. Pedro I, em 1829, restaurara os velhos coches, publicando um folheto interessante a esse respeito, transformou, por ordem de D. Pedro I, a pintura da antiga sala de audiência dos Vice-Reis (sobre o tema do "Gênio da América caminhando para o triunfo da Humanidade ao mesmo tempo em que o sol fazia o giro do oriente para o ocidente), atribuída a José de Oliveira Rosa e que já fora acrescentada por Manuel da Costa, na época de D. João, com o simbolismo do Reino Unido sustentando um estudo. Manuel de Araújo Pôrto Alegre referiu-o também como caricaturista.

Existe no Museu Histórico Nacional um retrato da Marquesa de Santos cuja autoria lhe é atribuída.

DOMITILA DE CASTRO CANTO E MELO - DADOS BIOGRÁFICOS

Cortesã, Marquesa de Santos. Nasceu em Santos, em dezembro de 1797, sendo de família abastada. Casou-se aos 16 anos, em 1815, com o

militar Felício Pinto Coelho de Mendonça, de quem teve três filhos: Felício, Francisca e João, este último morto em criança. Por desavenças conjugais, separou-se do marido em 06 de março de 1819, desquitando-se judicialmente do mesmo por sentença de 25 de maio de 1824.

Por sua conduta escandalosa, perdeu a tutela dos filhos. Para reobtê-la, interpôs sua caleça diante da comitiva do Príncipe D. Pedro, a 29 de agosto de 1822, uma semana antes da Independência do Brasil, quando estava o Príncipe em caminho para São Paulo. Tornaram-se, segundo relato escrito dele próprio, amantes no mesmo dia. Após a Independência, D. Pedro mandou trazer a favorita em meados de 1823 para a Côrte, tornando-a primeira dama da Imperatriz Da. Leopoldina, a 04 de abril de 1825. Viveram escandaloso romance que perdurou sete anos.

Além de cumulá-la de presentes, deu-lhe fabuloso palacete em São Cristóvão e uma casa em Iguaçú. Levava a favorita onde fosse, indo com ele à Salvador, o que causou escândalo nacional. D. Pedro deu-lhe o título de Viscondessa de Santos, a 15 de outubro de 1825, para logo depois torná-la Marquesa de Santos (1827). Condecorou-a com a Ordem de Santa Isabel, a Católica (1827), só conferida a mulheres ilibadamente honestas.

Teve quatro filhos com o Imperador: Isabel Maria, Duquesa de Goiás (1824-98); Pedro, Maria Isabel (estes dois natimortos) e Maria Isabel (1830-76). Teve D. Pedro igualmente um filho, Rodrigo, com a irmã mais velha da Marquesa, Da. Maria Benedita Delfim Pereira, casada com Boaventura Delfim Pereira, Barões de Sorocaba. D. Pedro I, logo depois que enviuvou, em dezembro de 1826, cansou-se da favorita a 13 de agosto de 1829, haja vista o ódio popular contra a mesma, devido a seu comportamento acintoso. Contraiu novo casamento em 1829 com a Princesa Maria Amélia, de 17 anos. Foi então Domitila desterrada para São Paulo, donde voltou semanas depois, só para ser novamente desterrada, em caráter definitivo, em setembro de 1829.

Em São Paulo, foi morar num casarão ainda existente no Pátio do Colégio. Ficou viúva de Felício em 1833, passando a viver maritalmente com seu primo, brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, com quem veio a casar-se a 14 de junho de 1842, quando rebentou a Revolução Liberal, em São Paulo.

Dessa união nasceram os seguintes filhos: Rafael, João, Gertrudes, Antônio, Brasília e Heitor, este último morto adolescente.

Faleceu aos 69 anos, em 1867, sendo enterrada no Cemitério da Consolação, em São Paulo. Recentemente, formou-se movimento em prol de sua canonização.

O GARANHÃO E AS GALINHAS

D. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, mais conhecido entre nós como D. Pedro I, nasceu a 12 de outubro de 1798 no Palácio de Queluz, em Portugal. Era um dos nove filhos de D. João e de Da. Carlota Joaquina de Bourbon. O destino quis que fosse ele o futuro autor de nossa emancipação política. Com a invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão, veio para o Brasil em novembro de 1807, chegando no Rio de Janeiro em março de 1808, com nove anos. Aqui se fez homem. Quando do retorno de sua família a Portugal, em 1821, ficou no Brasil como Príncipe Regente. Influenciado por bons brasileiros, acabaria proclamando nossa Independência a 7 de setembro de 1822, sendo aclamado Imperador do Brasil

a 12 de outubro seguinte. Apesar de nossa dívida de gratidão para com D. Pedro I, seu governo deixou muito a desejar, sendo obrigado a renunciar a 7 de abril de 1831, deixando aqui no Brasil seu filho D. Pedro II, então com cinco anos. De volta a Portugal, retomou, após longa campanha militar, o trono lusitano de seu irmão usurpador e morreu ainda muito jovem como Rei D. Pedro IV de Portugal, a 24 de setembro de 1834.

Se foi um mau governante entre nós, deixou, entretanto, fama de bom amante. Com efeito, são lendárias as histórias e casos de D. Pedro I com as mais incríveis mulheres, compromissadas ou não. Ele próprio casou-se duas vezes, o que não o impediu de “pular a cerca” em todas as ocasiões que pôde. Deixou uma vasta legião de filhos legítimos, legitimados ou não. Aqui tentamos apenas listar os mais bem documentados.

Do casamento de D. Pedro com Da. Leopoldina, Arquiduquesa da Áustria, primeira Imperatriz do Brasil, houve sete filhos legítimos: Da. Maria da Glória (1819); D. Miguel (1820, morreu criança); D. João Carlos (1821, morreu criança); Da. Januária (1822); Da. Paula Mariana (1823, morreu criança); D. Francisco (1824, morreu criança); e D. Pedro de Alcântara (1825). Houve ainda mais dois fetos abortados, o último deles em dezembro de 1826.

Do segundo consórcio com Da. Amélia de Leuchtemberg, apenas uma filha, Da. Maria Amélia, nascida em França a 1^o. de dezembro de 1831.

Dos que podem ser citados, com relativa segurança, como filhos naturais, teve D. Pedro I os seguintes:

Com a Marquesa de Santos, Da. Domitila de Castro Canto e Melo, desquitada de Felício Pinto Coelho de Mendonça e já mãe de três filhos: Isabel Maria (1824), Duquesa de Goiás; Maria Isabel e Pedro, falecidos em criança; e Maria Isabel (1830), Condêssa de Iguaçú.

Com a Baronesa de Sorocaba, irmã da anterior, Da. Maria Benedita Delfim Pereira, casada com Boaventura Delfim Pereira e já mãe de nove filhos: Rodrigo Delfim Pereira (1830).

Com Da. Joana Mosqueira: José de Bragança e Bourbon.

Com a austríaca Ana Steinhaussem Schüch, casada com o bibliotecário da Imperatriz: Augusto Schüch (1817).

Com a formosa mineira Da. Gertrudes Meireles: Teotônio Meireles da Silva (1823).

Com a poetisa mineira Luísa de Menezes (Luizinha): Mariana Amélia de Albuquerque (1823).

Com Da. Letícia Lacy, esposa de um violinista espanhol: D. Luiz Pablo Rosquellas, nascido no Rio a 25 de abril de 1823.

Com Da. Cleménce Saisset, casada com Pierre Felix Saisset e já mãe de dois filhos: Pedro de Alcântara Brasileiro, nascido em Paris, a 23 de agosto de 1829.

Com a bailarina do Teatro São João, Da. Noemi Valency: um filho, nascido em Pernambuco e que viveu pouco tempo (1817).

Com Da. Adozinda Carneiro Leão (Zindinha): uma criança da qual não se teve mais notícias.

Com Andreza dos Santos, preta quituteira do Palácio de São Cristóvão: uma menina mulata, nascida em 1831.

Com a esposa de um de seus ministros: Da. Urbana de tal.

Era também filha de D. Pedro I, uma tal de Isabel de Bourbon e Bragança, nascida no Rio de Janeiro, de mãe desconhecida. Uma outra

homônima, e morando na França, viúva de um tal Lafarge, afiançava também ser filha bastarda de nosso Imperador.

E, finalmente, com uma freira, na Ilha Terceira: um menino, nascido em 1832.

Ufa, excusez du peu!

Somando tudo, podemos concluir que, de 1817 a 1832, num espaço de quinze anos, nosso primeiro Imperador foi pai de, pelo menos, umas 28 crianças, fora as de história duvidosa, que são muitas.

As amantes com as quais não teve filhos somam-se às dezenas...

Numa carta datada de fins de 1831, D. Pedro confessava a um amigo que "...não podia mais enrijecer certos músculos, o que o fazia com facilidade no passado".

Usou tanto que gastou...

Morreu corroído pela sífilis três anos depois, aos trinta e cinco anos e onze meses de idade.

Milton de Mendonça Teixeira.